



## A Construção da Narrativa na Revista *Senhor* e a presença da literatura em suas edições<sup>1</sup>

Joana Neitsch<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

### RESUMO

A presença e relevância de textos literários na revista *Senhor*<sup>3</sup> e os traços de literatura na construção da narrativa da publicação como um todo. Analisam-se, então, proximidades entre artigos jornalísticos e literários e o valor destes textos, 50 anos depois de revista ter sido publicada. A análise foi feita através da leitura sistemática para um trabalho de indexação<sup>4</sup> de edições do periódico, são apresentadas estatísticas dos gêneros textuais dos artigos.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo cultural; literatura; narrativa; revista ilustrada

### Introdução

A narrativa que se constrói durante a leitura de uma revista ocorre a partir tanto dos aspectos estabelecidos na edição, quanto dos referenciais que o próprio leitor possui. As considerações, aqui feitas, sobre a presença dos textos literários na revista *Senhor* e a forma como se delineia o contexto das edições como um todo partem da leitura da publicação, cinquenta anos após seu lançamento, com o olhar limitado e, ao mesmo tempo, privilegiado pelo distanciamento temporal.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Joana Neitsch é bolsista Pibic/CNPq no projeto *Intervenções culturais do jornalismo: arte, literatura e crítica*, sob orientação da professora doutora Daisy Vogel, da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Publicada entre 1959 e 1964 pela Editora Delta, *Senhor* era uma revista mensal voltada ao público masculino, de alto poder aquisitivo e elevado nível cultural. Um dos seus criadores e editores, Nahum Sirotsky descreve o projeto: “Teria ensaios sobre grandes temas de todos os tipos por grandes nomes. Publicaria uma noveleta em cada número e uns contos. Serviços para homens, como vestir bem, preparação de *coktails*, escolha de bons vinhos, resenhas de livros de utilidade para o empresário e etc. As capas seriam especialmente criadas por artistas brasileiros, assim como as ilustrações. Tudo boa arte. Teria o tamanho de *Esquire* e preço de capa várias vezes mais caro do que a mais cara do Brasil para que fosse símbolo de status. (Sirotsky *apud* Basso, 2006, p.2)”

<sup>4</sup> Este artigo tem como base leituras da revista *Senhor* do ano de 1960. As leituras foram feitas como parte do projeto de pesquisa *Intervenções culturais do jornalismo: arte, literatura e crítica*. Os exemplares lidos foram indexados na base de dados do Núcleo de Estudos Literários e Culturais – Nelic, UFSC.



## Semelhanças entre narrativa jornalística e literária

Basso define que *Senhor* “do ponto de vista do interesse editorial deveria ser uma revista que se portasse como obra de arte” (BASSO, 2006, p.2). E nesse aspecto ressalta-se que não apenas a beleza gráfica ou os textos literários eram a arte, mas a publicação inteira, não sendo excluídos os textos jornalísticos. Para Vogel a diferença entre o texto jornalístico e o literário não está na forma e sim na verdade:

[...]há um parentesco também essencial entre a narrativa jornalística e a narrativa literária, na medida em que todo relato jornalístico, mesmo o mais fatural, organiza suas temporalidades, seus personagens e suas causalidades lançando mão dos mesmos recursos de que dispõem as narrativas da imaginação. O limite entre as modalidades narrativas é, por isso, um limite de ordem ética, que garante que haja, no jornalismo, uma separação fundamental entre o falso e o verdadeiro. (VOGEL, 2006, p.4)

Ainda que sem o limite de ordem ética da narrativa jornalística com relação à verdade, a narrativa literária não se descola da realidade projetada pela cobertura jornalística na revista *Senhor*. Os temas abordados nas reportagens, o espaço de determinadas seções e também a presença de mais ou menos textos literários, ao longo de cada edição, e o destaque que eles recebem são aspectos que indicam o contexto que revista concentra-se focar.

Na edição de março de 60, que comemora o aniversário de um ano da revista, o texto de apresentação é intitulado *Alguns Senhores e uma Senhora* volta-se aos autores dos textos literários, como Graciliano Ramos, Clarice Lispector, Marques Rebelo e Nelson Rodrigues. Os editores abrem exceção para, em auto-elogio, dizerem-se satisfeitos com o que haviam feito até ali. Quatro textos de literatura, mais um poema de Ivo Barroso, que abre a seção *Sr&Cia*, são publicados.

Outros artigos falam de temas relacionados à cultura, como os sobre Cândido Portinari e Goeldi. As reportagens, ainda que tratem de temas bastante sérios, como preconceito, fome e a constituição variam entre a ironia e a opinião. No artigo *Pequenas histórias do preconceito de cor numa terra onde ele não há*, de Odylo Costa Filho, por exemplo, o deboche já está no título e se afirma ao longo do texto. São expostos, em tom de anedota, breves fatos em que ocorreram situações de preconceito racial no Brasil, com desconhecidos ou figuras famosas da história. Elsie Lessa apresenta receitas em *Vênus na Cozinha* quase como obra literária. Ela narra o que encontrou enquanto olhava, com “a mais casta das intenções”, a biblioteca de sua irmã: pratos afrodisíacos acompanhados por observações como a que vinha após a receita da geléia de cravos vermelhos: “Essa compota é muito útil para as pessoas de comportamento frígido”.



Já em novembro de 1960 a revista vem com um tom mais burocrático. Textos literários são publicados, mas agora mais restritos, apenas dois na seção *Ficção*. E a seção *Literatura* dedica o espaço ao artigo de Franz Heilborn (o verdadeiro nome de Paulo Francis) sobre Hemingway, que viria ao Brasil naquele ano. O leitor é avisado que a publicação está mudando, seguindo o contexto em que o país se insere naquele período. A carta ao leitor, intitulada *Bastidores*, diz:

Senhor mudou. É o que se diz. Mas os senhores também mudaram. As circunstâncias em que vivemos, neste país de samba e carnaval - como nos tratávamos até então, com o característico masoquismo dos subdesenvolvidos - sofreram uma transformação radical. É a transcrição para o globalismo de interesses pelo destino da nação, uma tomada de posição em face dos problemas que nos afligem, problemas de toda ordem, por certo, mas cujo centro é econômico e político. Senhor não podia ficar neutro ou indiferente. (SENHOR, nov. 1960)

A seção *Carta Informações* ganha espaço nesta edição e traz textos mais longos, não apenas notas como antes, sobre exportação, financiamentos e serviços públicos. A seção *Economia* traz o texto *O Desafio Brasileiro*, de Celso Furtado. *Política Internacional* identifica o tema que tem cartola própria, com dois artigos: um sobre a Guerra Fria e outro sobre o *Apartheid* na África do Sul.

Ao observar as edições da revista supracitadas, nota-se que, levando em consideração a produção de cada uma como um todo, sua narrativa cria uma trama semelhante à literária, os artigos não vêm dispostos aleatoriamente, mas têm nexos com o contexto que se quer reportar. Anderson refere-se ao jornal como um produto de caráter ficcional, essa análise também pode ser aplicada à revista:

[...] se agora observarmos o jornal como um produto cultural ficaremos impressionados com seu caráter profundamente ficcional. Qual é a principal convenção literária do jornal? [...] O que liga uns [fatos] aos outros? Não um mero capricho. Mas é óbvio que a maioria deles ocorre de modo independente [...] A arbitrariedade na justaposição deles mostra que o vínculo entre eles é imaginado. (ANDERSON, 1983 p.65)

Desta maneira, apresentar questões factuais ligadas à realidade não exclui a necessidade de se recorrer a soluções de criativas - que vão além de se trabalhar os aspectos da diagramação ou conteúdo dos textos isoladamente - ao editar um periódico. E as possibilidades se ampliam quando se trata de uma revista ilustrada como *Senhor*, que se propunha a “publicar ficção moderna, artigos sobre serviços que não fossem meros “reclames”, como se dizia antigamente, introduzir uma certa franqueza sexual, polêmicas sobre os mais variados assuntos”. (FRANCIS, 1978) É preciso, então, se



idealizar um discurso delineado pelos temas que se escolhe tratar, uma capacidade que os periódicos têm, como Roth explica:

Si el periódico era tan inmediato, tan sombrío, tan rico, tan fácilmente controlable como la realidad, entonces sin duda podría, como ésta, comunicar experiencias vividas. Sólo que ofrece una realidad que no es segura, que está filtrada - y una realidad a la que se ve de una forma insuficiente, lo cual quiere decir por consiguiente: una realidad falsificada. (ROTH *apud* Huberman p.21)

Toma-se, para analisar a *Senhor*, o sentido de “realidade falsificada” não como mentirosa, mas como construída, uma realidade que faz parte de um determinado imaginário, parte do ideal que uma elite vivia e alguns outros tinham oportunidade de aspirar. E, de fato, a magazine tinha a capacidade projetá-la e reconstruí-la:

[...] a Revista se construía e construía o seu leitor. As produções literárias conhecidas e reconhecidas como sendo de qualidade, ao lado de novas incursões nas letras, na fotografia, nas artes cênicas e nas artes plásticas, faziam da Revista um repositório dos ingredientes que caracterizariam o atualizado, flexível em seu tradicionalismo, requintado, vaidoso, sensível, sensual, ilustrado e, possivelmente, abastado. Assim se mostraria *Senhor* e espelhariá o senhor Leitor. ( NIEMEYER, 2003)

A idealização da vida da alta sociedade pode ser identificada em artigos que parecem inseridos em um manual de instrução, indicando “como” ser ou fazer algo: *Como entrar na Sociedade*, de Ibrahim Sued (nov. 60), o autor orienta: “Como entrar na sociedade? Não há fórmula mágica. Uma boa madrinha [...], um bom casamento [...], a cobertura de uma revista. [...] E nem sempre o dinheiro adianta”. Já *Como jogar golfe* (jan. de 61) fala sobre “O esporte mais grã-fino do Brasil (ao lado do pólo) [...] atividade de apenas três mil pessoas distribuídas em 15 clubes [pelo país]”.

A abordagem das futilidades não exclui o olhar sério e consciente, não apenas para aspectos econômicos que possam afetar as finanças dos senhores leitores, mas os aspectos sociais. A edição de julho de 60 apresenta as Ligas Camponesas como tema do artigo *O caminho da liberdade*, de Francisco Juliano. E, na mesma edição, em *Quanto custa um doutor* criticam-se os altos investimentos na formação de doutores, enquanto a educação básica no Brasil ainda apresenta graves falhas estruturais; o texto não tem assinatura. A educação também já havia sido alvo de críticas na edição de maio daquele ano, quando os atrasos na construção da Universidade de Brasília são questionados em *A Universidade Fantasma*, que seria uma carta ao presidente Juscelino Kubitschek, assinada da seguinte forma: “O Editor”.



As temáticas da literatura também se encarregam de trazer ao leitor a realidade além daquela projetada nas rodas da alta sociedade. A cena *Boca de Ouro*, de Nelson Rodrigues (mar. 1960), é, como define a apresentação do texto, “comédia beirando a sátira social”. Com o jogo de classes entre o homem simples e cafajeste, mas rico que seduz uma moça pobre. Esse mesmo homem é humilhado quando recebe grã-finas interessadas em aventuras por sua fama de cafajeste e, ao mesmo tempo, o desprezam por não ter a classe delas.

*Jazz de Estrelas*, de Sean O’Casey, tradução de Millôr Fernandes (nov. 1960), conta sobre uma lavadeira que baila sozinha no pátio, próximo a tina onde lava roupas, sob o céu estrelado. Ela volta ao quarto onde vive com marido e seis filhos, nascidos nos últimos oito anos que “tinham desnatado o creme da sua vida”, para dividir uma única cama com eles.

### **A relevância dos artigos 50 anos depois**

Muitos dos artigos ou reportagens trazem informações que hoje já são conhecidas através da bibliografia histórica, há prospecções que não se confirmaram e textos que são consagrados na literatura e podem ser encontrados em outros lugares além da revista. Mas esse conteúdo não perde a relevância pelas situações acima citadas, pois a grande maioria dos textos é tão bem depurada, que mesmo a leitura do que, a princípio, havia sido escrito para informar ou criticar, torna-se instigante e prazerosa como ler textos de literatura. Nesse sentido, Eagleton expõe um conceito que dá conta de explicar a percepção de literatura além dos textos considerados tradicionalmente literários.

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários, e a outros tal condição é imposta. Sob esse aspecto, a produção do texto é muito mais importante que seu nascimento. O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo como as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que o seu autor tenha pensado. (Eagleton, 1983 p. 12)

Assim, as reportagens, artigos de crítica de cinema ou questões sociais podem ser lidas como uma boa prosa. Ao se atentar para a composição de uma edição como um



todo, também nota-se uma narrativa bem costurada, seja pelos contrastes ou pelo vínculo que a temática de um artigo tem com o outro.

Essa narrativa, além do interesse literário com que é possível fazer a leitura, não exclui a importância de diversos textos como fontes para compreensão do contexto histórico. Ainda que os dados não sejam inéditos, é justamente a projeção feita da elite brasileira naquele período e a construção do imaginário do que era o país que se destacam. A revista combina o que seria importante para o desenvolvimento nacional, com o que era fundamental para um indivíduo estar na nata da sociedade e o criterioso interesse por boas produções literárias e culturais. Essa mescla, mesmo passados cinquenta anos e, em certos aspectos até por isso mesmo, torna a leitura agradável a um leitor curioso e relevante ao pesquisador mais atento a aspectos culturais, literários ou históricos.

### **Estatística de textos literários em *Senhor***

A observação de estatísticas é relevante no sentido de apontar o espaço que os textos literários ocupam na revista e assim constatar a importância que os editores davam ao tema.

Para se quantificar<sup>5</sup> a presença de textos literários na revista, consideram-se os textos de ficção em prosa (contos, novelas, crônicas, trechos de romances, etc.) e os poemas publicados nas 22 primeiras edições da *Senhor*. As edições vão de março de 1959 a dezembro de 1960.

Entre 40 tipos de classificação de artigos na revista, *Ficção* é o terceiro mais presente, com 78 artigos em um conjunto de 890. Esse número representa 8,76% do total de textos publicados. *Poemas* é o décimo segundo tipo de artigo mais recorrente, com 19 textos que representam 2,13% do conteúdo de todas as edições.

É importante ressaltar que cada nota, mesmo que muito pequena - com duas ou três linhas - é indexada individualmente como artigo na base de dados. Portanto as duas categorias com maior número de textos nas estatísticas são *Variedades* (36,74%, com 327 artigos) e *Informes* (13,37%, com 119 artigos) compostas essencialmente por notas. A primeira tem tantos artigos devido à seção *Sr & Cia.*, que trazia cultura, humor, variedades e até fofocas; e a segunda por uma seção chamada *Carta de Informações*, que tratava de assuntos como economia e política.

---

<sup>5</sup> Dados extraídos da base de indexação do Núcleo de Estudos Literários e Culturais – Nelic, UFSC



Desta forma, torna-se ainda mais relevante o número de textos ficcionais na revista, que estão à frente dos de *Reportagens*, que é o quinto tipo de artigo mais registrado (4,83%, com 43 artigos) e *Entrevista* que é o décimo nono (0,34%, com 3 artigos). É válido também ressaltar que entre todas as capas das edições analisadas, as que tinham chamadas anunciavam pelo menos um dos inéditos de literatura que estavam sendo publicados.

### ***A Senhora de Senhor***

Entre os autores que publicaram na revista, uma mulher tem destaque tanto por sua presença constante em *Senhor*, como pelo fato de ter encontrado ali espaço para sua projeção na literatura brasileira. De março de 1959 a dezembro de 1960, Clarice Lispector é a quarta autora a ter mais artigos na revista, com a publicação de nove textos neste período. A escritora fica atrás apenas de Jaguar – que era o líder devido ao grande número de charges que a publicação continha –, Glauco Rodrigues e Paulo Francis.<sup>6</sup> Os três trabalhavam na revista, enquanto Clarice era apenas colaboradora.

Em julho de 60, a autora escreveu um artigo para a parte de livros da seção *Sr. & Cia.* da revista, chamado *Clarice por Clarice*. Ela estava às vésperas de lançar *Laços de Família*, livro que reunia boa parte dos textos que publicou na *Senhor*. Ali são reveladas algumas das sensações e a relação que tem com cada conto: “Não é fácil lembrar porque escrevi um conto ou um romance. Depois que se despegam de mim, também eu os estranho”. Um dia Clarice releu *O Búfalo* e sentiu um “choque, um mal estar e um horror”, ela também relata a lembrança de tardes no parque ou no zoológico, a diversão ao escrever *Devaneio e embriaguez de uma rapariga*, ou simplesmente não gravar nada de *Laços de Família*. Conta, ainda, como se hipnotizava e caía com os personagens nas histórias.

A revista deu visibilidade à autora que quando começou a escrever lá ainda era pouco conhecida. Paulo Francis recorda: “Parece brincadeira lembrar que Clarice Lispector, antes de *Senhor* era conhecida apenas por uma *coterie* de intelectuais” (FRANCIS *in* BASSO). Mais tarde, Clarice chegaria ao ponto de ter uma seção exclusivamente sua na revista, chamada *Children’s Corner*.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> *Idem* 5

<sup>7</sup> Os números da revista que contêm essa seção ainda não chegaram a ser indexados.



## Conclusão

*Senhor* destacava a literatura em suas edições tanto pela quantidade, quanto pela qualidade dos artigos. A presença dos textos literários refinou as edições e tornou a revista muito característica pela preocupação em trazer sempre um inédito aos leitores, fosse de um autor consagrado ou de uma revelação, como Clarice Lispector.

A revista foi mais longe construindo uma narrativa semelhante à literária, diversificada nos temas e, ao mesmo tempo, coesa. Não cabe aqui avaliar como essa narrativa foi premeditada e se construiu como consequência das escolhas do editor e preferências do leitor. O fato é que a publicação reflete a capacidade da revista ilustrada de transmitir o ideário de determinado período e grupo social.

A leitura após um razoável período, como os cinquenta anos que distanciam das edições da *Senhor* analisadas, não se justifica pela factualidade. Por outro lado, os eventos históricos transcorridos, os autores consagrados, a qualidade dos textos e a complexidade de fazer uma leitura paralela entre dois períodos tornam a narrativa rica tanto em no sentido informativo, quanto no literário.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Tradução de Denise Bottman. - São Paulo: Companhia das Letras, 2008



BASSO, Elaine. *Revista Senhor: Jornalismo cultural na imprensa brasileira in* Unirevista, 2006

EALGETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma Introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. - São Paulo: Martins Fontes, 1997

FRANCIS, Paulo. *Paulo Francis por ele mesmo in* Revista Status, n.17 extraída do livro *Paulo Francis - uma coletânea de seus melhores textos já publicados* Editora Três: 1978

HUBERMAN, Georges Didi. *Cuando las Imágenes Toman Posición*. Tradução de Inés Bertolo. – Madri: A. Machado Libros, 2008

NIEMEYER, Lucy . *SR.: uma Revista para o Senhor in* UNirevista: 2006

VOGEL, Daisi. *A ficção do Relato Jornalístico. in* Caligrama:2006

*Revista Senhor*, São Paulo: Delta, n° 13, março de 1960

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Delta, n° 15, maio de 1960

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Delta, n° 17, julho de 1960

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Delta, n° 19, setembro de 1960

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Delta, n° 21, novembro de 1960

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Delta, n° 23, janeiro de 1961